

TERRA, Mariana. Aspectos performativos do iluminador na cena contemporânea. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Mestrado; Ivani Santana. Iluminadora, Atriz e Performer.

RESUMO

O presente artigo trata dos aspectos performativos do iluminador na cena contemporânea, inserido no campo da performance. Esse é um dos pontos-chave, encontrados na pesquisa da autora no mestrado acadêmico em Artes Cênicas na UFBA, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Ivani Santana e abrigada pelo GP Poéticas Tecnológicas: corpo, imagem. Sob um novo prisma, o iluminador passa a ser entendido como aquele profissional das áreas cênicas que atua na articulação entre a iluminação e a obra numa estreita relação de cocriação. Ele está em cena manipulando as tecnologias da luz (dentro do evento no momento em que acontece), disponível a dar e receber estímulos, contaminar e ser contaminado pelos vários elementos presentes no ambiente, e tem a iluminação como sua linguagem para comunicação. Sua função, portanto deixa de ser um serviço técnico, e ele passa a ser considerado um agente que também está compondo para criação de semântica e significado. Nesse sentido o iluminador é aquele que ao mesmo tempo cria, manipula, executa e comunica-se através da iluminação. A luz, portanto, é compreendida como algo que acontece através do corpo, numa relação sinestésica e artesanal. O processo ocorrido entre o corpo do iluminador e os equipamentos é aproximado com o aspecto *embodied* das informações no trânsito indivíduo-ambiente. Esse termo é abordado em profundidade pela pesquisadora Ivani Santana (2006) em seu livro *Dança na Cultura Digital*, em que o corpo humano é entendido como um sistema integrado capaz de relacionar-se com o meio e coevoluir numa troca constante de informação. A noção de performance é identificada a uma prática poética de fronteira entre as mais diversas linguagens artísticas, interdisciplinar, híbrida, que busca escapar de definições e rotulações. Segundo Richard Schechner e Marvin Carlson em *The Performance Studies Reader* (org. BIAL, HENRY. 2004), a performance é uma função ao vivo relacionada com espaço e tempo, caracterizada quando algo está acontecendo naquele instante, naquele local. Neste texto procura-se responder algumas questões pertinentes, como: Que corpo é esse do iluminador que agora está sendo visto?; O que é essa performatividade, esse deixar ver o corpo e a elaboração da luz?; O que há de novo?; O que muda no ambiente cênico da performance, em relação aos demais artistas e à obra? Na medida em que as relações cênicas contemporâneas se complexificam, em especial no que diz respeito à performance, faz-se urgente pensar as questões da iluminação a partir dos mesmos princípios para que se possam estabelecer pontos de diálogo comuns. As novas possibilidades de relação do iluminador na performance são o ponto-chave para entender sua atividade, função e responsabilidade dentro desse universo.

Palavras-chave: Iluminação. Iluminador. Corpo. Performatividade. *Embodiment*.

ABSTRACT

This article discusses the performative aspects of the lighting designer on the contemporary scene, within the field of performance. This is one of the key points found in the author's research in the academic Master in Performing Arts at UFBA, under the guidance of Prof. Dr. Ivani Santana and sheltered by GP Poéticas Tecnológicas: corpo, imagem. In a new way of view, the lighting designer is understood as the professional of the scenic areas that operates in the link between lighting and the artwork in a close relationship of co-creation. He is on stage manipulating the technologies of light (in the event when it happens), available to give and receive stimuli, contaminate and be contaminated by several elements in the environment, and has the lights as language for communication. His function therefore is no longer a technical service, and he is regarded as an agent who is also composing for the creation of semantics and meaning. In this sense the lighting designer is one that simultaneously creates, manipulates, executes and communicates (through the) lighting. The light is therefore understood as something that happens through the body, a relationship deeply synaesthetic and craftsmanship. The process occurred between the body of the lighting designer and the machines is approximated with the aspect of the information *embodied* in the transit of individual-environment. This term is discussed in depth by the researcher Ivani Santana (2006) in her book *Dança na Cultura Digital*, where the human body is understood as an integrated system able to relate to the environment and co-evolve in a constant exchange of information. The notion of performance is identified as a poetic practice frontier between various artistic languages, interdisciplinary, hybrid, seeking escape from definitions and labels. According to Richard Schechner and Marvin Carlson in *The Performance Studies Reader* (ed. BIAL, Henry. 2004) performance is a function related to the living space and time, characterized when something is happening at that moment at that location. This text seeks to answer some pertinent questions as: What is the light designer's body that is now being seen? What is this performativity, that let see the body and the manipulation of light? What's new? What changes in the environment of the scenic performance in relation to other artists and work? Insofar as contemporary scenic relations become complex, especially with regard to performance, it is urgent to consider the issues of lighting from the same principles to establish points of common dialog. The new possibilities of relationship between the lighting designer on performance is the key to understand his activity, function and responsibility within this universe.

Keywords: Lighting. Lighting Designer. Body. Performativity. Embodiment.

No presente artigo levanto questões, todavia em aberto sobre os aspectos performativos encontrados como iluminadora dentro do universo específico da performance, surgidas durante estudo prático pessoal em vias de desenvolvimento no projeto de arte telemática Laboratorium Mapa D2. Esse é um dos pontos-chave encontrados em minha pesquisa no mestrado acadêmico em Artes Cênicas na UFBA, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Ivani Santana e abrigada pelo GP Poéticas Tecnológicas: corpoaudiovisual. O Laboratorium Mapa D2 é um projeto de arte telemática (arte de telepresença), que visa à

interatividade entre diferentes linguagens artísticas via internet em tempo real. Os artistas participantes estão em pontos remotos, localizados em Salvador, Fortaleza e Rio de Janeiro. Os ensaios, experimentos e a própria obra produzida são executados via rede, com público presencial em cada uma das cidades e também usuários da *web* que podem assistir ao espetáculo *online*. Minha pesquisa nesse contexto é a iluminação, no sentido de uma proposição estético-artística que contempla especificamente o núcleo artístico de Salvador. Em um ambiente sistêmico e imersivo, todos os participantes da obra estão visíveis (também eu, enquanto iluminadora, estou em cena, sendo vista), inclusive os equipamentos tecnológicos utilizados. O desafio é claro: a luz serve para a cena assistida pelo público presencial, ao mesmo tempo que para o vídeo, uma vez que capta imagens que são enviadas para os demais pontos nos outros estados, e também chegando às telas de computador dos internautas. Portanto, um ponto importante é que a iluminação é pensada tanto para o vídeo — o que aproxima a prática ao campo da direção de fotografia — quanto para a cena ao vivo. Isso amplia a função, o objetivo e a forma de minha atuação como iluminadora.

A noção de performance é identificada a uma prática poética de fronteira entre as mais diversas linguagens artísticas, interdisciplinar e híbrida, que busca escapar de definições e rotulações. Segundo Richard Schechner e Marvin Carlson em *The Performance Studies Reader* (org. BIAL, 2004), a performance é uma função ao vivo relacionada com espaço e tempo, caracterizada quando algo está acontecendo naquele instante, naquele local. Uma vez que a performance não mais prevê a cena como “contar” uma história ou “transmitir” uma ideia, e sim como um conjunto articulado e híbrido de elementos artísticos que se inter-relacionam no aqui e agora, no sentido de vivência, onde todos, inclusive o público, são participantes e cocriadores em diferentes níveis, considero fundamental que a luz como um todo seja repensada a partir dos mesmos princípios.

Relembro que tradicionalmente o iluminador (ou *light designer*, termo amplamente difundido) é aquele profissional responsável pela iluminação de um espetáculo, e para isso tem o domínio sobre a aplicabilidade de uma série de materiais específicos, que articula conforme sua concepção. Nas equipes de iluminação geralmente existe a seguinte divisão de funções: o iluminador (criador), o técnico eletricista (executa a montagem e instalação dos equipamentos no espaço cênico) e, por último, o técnico operador (comanda a iluminação durante o espetáculo por meio de mesas controladoras). No entanto, nesse universo performático do projeto Laboratorium, minha atividade como gerenciadora da luz é diferenciada, pois estão incorporadas essas três funções, entre as quais transito sem distinção de tarefas.

Assim, estou em cena manipulando os materiais, fontes de luz e equipamentos; disponível para contaminar e ser contaminada pelos vários elementos presentes no ambiente, e tenho a luz como linguagem para comunicação. A presença física no espaço da cena, a visibilidade dos materiais que utilizo para produzir luz, a forma de manipulá-los e organizá-los no ambiente, bem como a possibilidade de criação em tempo real dialogando com a cena, são algumas características importantes. Dessa forma, procuro relacionar a luz ao processo,

entendendo-a enquanto linguagem individual pensada metaforicamente como um corpo que existe materialmente dentro do espaço-tempo, e que conversa com o coletivo, numa relação de troca, no sentido de dar e receber estímulos. Busco entender a luz como elemento *na* obra em contraponto à ideia de iluminação *da* obra. Ao entender como se dá o fluxo de criação viva, no momento em que o corpo no espaço gera possibilidades perceptivas visuais múltiplas — e assim a poética do próprio espaço — como iluminadora transito entre as áreas técnicas e artísticas dissolvendo a barreira tradicionalmente existente entre os campos, dentro do espetáculo.

Compreendo a iluminação como algo que acontece através do corpo, numa relação profundamente sinestésica e artesanal. Aproximo o processo ocorrido entre meu corpo e as tecnologias da luz com o aspecto *embodied* das informações no trânsito indivíduo-ambiente. Esse termo faz referência aos recentes estudos de Lakoff e Johnson — abordados em profundidade pela pesquisadora Ivani Santana (2006) em seu livro *Dança na cultura digital* —, que entendem o corpo humano como um sistema integrado capaz de relacionar-se com o meio e coevoluir numa troca constante de informação, uma vez que

A dança [iluminação] acontece no corpo, o qual, por sua vez, é visto como uma mídia, uma forma de organização de informação em constante processo. Este corpo midiático se dá no mundo de acordo com esta ideia do “embodied”. O corpo é processual e midiático. Ele é construído continuamente pela negociação indivíduo-ambiente (SANTANA, 2006, p. 62)

Desse ponto de vista, compreendo que o contato físico constante e continuado com as tecnologias da luz leva ao *embodiment*, permitindo-me utilizá-las como ferramenta consciente para comunicação. Nesse sentido, não se trata de justaposição ou acionamento automático, e sim, uma relação continuada, e como tal, necessita de tempo e condições favoráveis para que amadureça.

Reconfigurar e reposicionar o elemento da luz presente na obra artística, compreendendo-a enquanto linguagem, é dar-lhe um corpo (físico e metafórico). Com a nova possibilidade de minha figura (como iluminadora) estando em cena durante a performance, abrem-se questões novas e pertinentes, como possibilidades criativas, cocriação em tempo real, e manipulação visível dos objetos técnicos, bem como as consequências e reverberações dessas ações dentro do processo da performance; a possibilidade de encontrar um corpo para a função técnica; a revelação do corpo por trás da máquina e do que antes era invisível; a performatividade inerente na própria atividade; as possibilidades múltiplas de montagem e operação da luz dentro do espetáculo, participando de sua criação e concepção no momento em que ocorre.

Considero que a luz possível de ser produzida não é uma variação daquela já existente, e sim, uma manifestação outra, que requer um novo viés de pensamento e reconhecimento como tal. A iluminação perde sua forma fixa de outrora tornando-se interativa. Ao considerar a colocação de Renato Cohen (2004) sobre a estrutura da performance como sendo “não aristotélica” (com início, meio, fim, linha narrativa etc.) e sem uma continuidade lógica da ação, e

que no entanto se apoia em uma estrutura fragmentada de entrelaçamento de imagens e ações, penso que a luz criada *na* e *com* a performance é gerada durante sua execução, tem relação direta com os acontecimentos, as ações em tempo real, sendo assim inédita e irrepetível de um dia para o outro. Nesse sentido, ela não serve para “dar sentido” a uma cena, pois a cena é justamente o diálogo entre todos os elementos da obra artística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Roberto Gill. **Livros técnicos sobre iluminação cênica.** Disponível em:

<http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/C%EAanica/Artigos/roberto_gill_de_camargo/livros_tecnicos_sobre_iluminacao_cenica.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2010.

CARLSON, Marvin. What is performance? In: BIAL, Henry (org.). **The performance studies reader.** New York: Routledge, 2004.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

GOLDBERG, Roselee. **A arte da performance:** do futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PALMER, Richard. **The Lighting Art:** the aesthetic of stage lighting design. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1994.

SANTANA, Ivani. **Dança na cultura digital.** Salvador: EDUFBA, 2006.

SCHECHNER, Richard. Performance studies: the broad spectrum approach. In: BIAL, Henry (org.). **The performance studies reader.** New York: Routledge, 2004.